



Universidades Lusíada

Freitas, Elisangela Panosso de
Agnolo, Cátia Millene dell
Giarola, Luciana Borges
Pelloso, Sandra Marisa
Bercini, Luciana Olga
Higarashi, Ieda Harumi

Percepção de adolescentes sobre a prática sexual na adolescência

<http://hdl.handle.net/11067/1350>
<https://doi.org/10.34628/k0yc-bq24>

Metadados

Data de Publicação	2014
Resumo	Este estudo objetivou analisar a percepção de adolescentes sobre a vida sexual na adolescência. O estudo foi realizado em Maringá Paraná, no primeiro semestre de 2009, e incluiu a participação de duas escolas, uma pública e outra privada. A amostra foi composta por vinte alunos, com idade entre 14 e 16 anos, matriculados no primeiro ano do ensino médio, sendo dez alunos de cada instituição, 50% masculino e 50% feminino. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário semi-estruturado, p...
Palavras Chave	Jovens - Comportamento sexual, Jovens - Atitudes
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 05, n. 2 (Julho-Dezembro 2014)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T06:28:17Z com informação proveniente do Repositório

PERCEÇÃO DE ADOLESCENTES SOBRE A PRÁTICA SEXUAL NA
ADOLESCÊNCIA

PERCEPTION OF TEENS ON SEXUAL PRACTICE IN ADOLESCENCE

Elisângela Panosso de Freitas
Cátia Millene Dell Agnolo
Luciana Borges Giarola
Sandra Marisa Pelloso
Luciana Olga Bercini
Ieda Harumi Higarashi
Universidade Estadual de Maringá

Contacto para correspondência:
elisangelapfreitas@gmail.com

Resumo: Este estudo objetivou analisar a percepção de adolescentes sobre a vida sexual na adolescência. O estudo foi realizado em Maringá Paraná, no primeiro semestre de 2009, e incluiu a participação de duas escolas, uma pública e outra privada. A amostra foi composta por vinte alunos, com idade entre 14 e 16 anos, matriculados no primeiro ano do ensino médio, sendo dez alunos de cada instituição, 50% masculino e 50% feminino. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário semi-estruturado, para auto-preenchimento. A análise dos dados utilizou a distribuição percentual como medida acessória. O estudo demonstrou não haverem diferenças entre os adolescentes de escolas privadas e públicas, no que tange à percepção e prática da sexualidade. Uma constatação comum foi a iniciação sexual que ocorre cada vez mais cedo. Uma diferença observada foi com relação à iniciativa dos pais da escola privada em abordar com seus filhos o assunto sexualidade.

Palavras-chave: Adolescente, Sexualidade, Enfermagem, Percepção.

Abstract: This study aimed to examine the perceptions of adolescents about sex life during adolescence. The study was conducted in Maringa, Parana, Brazil, in the first half of 2009, and included the participation of two schools, one public

and one private. The sample consisted of twenty students, aged between 14 and 16 years, enrolled in the first year of high school, ten students from each institution, 50% male and 50% female. Data collection was conducted through semi-structured questionnaire for self-fulfillment. The data analysis was used as a measure of the percentage distribution subsidiary. The study showed they had no differences between adolescents in public and private schools, with regards to the perception and practice of sexuality. A common finding was that sexual initiation occurs at an earlier age. One difference observed was related to the initiative of parents of private school children deal with the sexuality issue.

Key-words: Adolescent, Sexuality, Nursing, Perception.

Introdução

A atividade sexual na adolescência tem aumentado em todo o mundo, e, com ela, o risco de ocorrência de gravidez neste grupo etário. Associados ao número crescente de doenças sexualmente transmissíveis nesta população adolescente e jovem, constituem-se em problemas emergentes e não dissociáveis e tem sido alvo da implantação de diversas intervenções e pesquisas relacionadas ao assunto (Silva et al., 2012).

A primeira relação sexual é considerada um evento de grande importância na vida do indivíduo. Do ponto de vista da saúde reprodutiva e sexual, ao mesmo tempo em que a adolescência representa uma passagem para a vida adulta, também insere este ser em transformação, de maneira preocupante, no grupo vulnerável à aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, bem como, ao risco de uma gestação não planejada e ao aborto (Borges, 2007).

Estudos recentes indicam o início cada vez mais precoce da atividade sexual da adolescência (Borges & Schor, 2005). E este início não está acompanhado de uma educação sexual adequada, muito menos de conhecimentos de fisiologia e aspectos biológicos relacionados ao sexo e reprodução, resultando em pouco uso de medidas contraceptivas (Ferreira, Paúl & Amado, 2006).

Para o Ministério da Saúde do Brasil (MS) a adolescência se constitui numa fase da vida marcada por mudanças psicossociais, anatômicas e fisiológicas, caracterizando o desenvolvimento e crescimento do indivíduo, abrangendo a faixa etária dos dez aos 19 anos (Brasil, 1996).

As atitudes relacionadas com a sexualidade e à moralidade sexual têm sido consideradas como aspectos de grande relevância para a normatividade e regulação do que é considerado aceito ou não como prática em cada comunidade ou país (Paiva, Aranha & Bastos, 2008; Rissel, Richters, Grulich, Visser & Smith, 2003).

Os estudos brasileiros com adolescentes de contextos socioeconômicos diferentes são escassos. A maior parte dos estudos são realizados em escolas

públicas, devido a maior facilidade na liberação de pesquisas (Carlini-Cotrim, Gazal-Carvalho & Gouveia, 2000). No entanto, acredita-se que conhecer o comportamento sexual dos adolescentes das redes pública e privada de ensino pode ser mais representativo desta população.

A participação dos profissionais de saúde neste contexto é crucial. Compreender atitudes, valores e discursos para planejar iniciativas na área da prevenção, promoção e recuperação da saúde, contribuindo para a maior efetividade da implementação das políticas públicas no setor da saúde e da educação, e nas iniciativas de proteção e promoção dos direitos desta clientela, são essenciais na sua atuação. Políticas públicas que objetivam promover a saúde sexual e reprodutiva, ou prevenir DST de maneira eficaz e eficiente, dependem do diálogo constante entre adolescentes e profissionais, com destaque aos enfermeiros, responsáveis pela implementação de diversos programas na área da saúde e pela tomada de decisões de acordo com as necessidades específicas de cada grupo atendido (Paiva, Aranha & Bastos, 2008; Borges, 2007; Hubner, 2000).

Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo analisar a percepção de adolescentes sobre a vida sexual na adolescência.

Métodos

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, realizado no município de Maringá, Sul do Brasil, no primeiro semestre de 2009, e incluiu a participação de duas escolas, sendo uma pública e outra de caráter privado.

A população do estudo foi composta por alunos do primeiro ano do ensino médio os quais foram indicados pela direção de ambas as escolas, pública e privada. Cada escola indicou uma turma de sua preferência para compor a população do estudo, sendo assim esta pesquisa contou com a participação de 90 alunos, destes 50 alunos pertenciam à escola privada e 40 à escola pública.

A amostra do estudo foi realizada com vinte alunos matriculados, sendo dez alunos de cada instituição participante. Destes adolescentes, 50% pertenciam ao sexo masculino e 50% ao feminino. A abordagem foi realizada junto a uma turma da primeira série de cada escola, conforme determinação da instituição de ensino, de acordo com a organização e a conveniência desta. Após uma análise preliminar, e descarte dos questionários inválidos (não preenchidos ou preenchidos erroneamente), foram selecionados 20 instrumentos preenchidos, por meio de sorteio aleatório, e intencional com relação ao sexo e procedência. O quantitativo de instrumentos para análise foi definido durante a análise preliminar, tendo em vista a saturação de respostas.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semi-estruturado, para auto-preenchimento pelos alunos adolescentes envolvidos no estudo. As variáveis estudadas foram: gênero (categorizada em feminino e masculino); idade (anos); religião (católica, evangélica, protestante, outras, sem

religião); escolaridade dos pais (categorizada em ensino superior completo, ensino superior incompleto, ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino fundamental completo, ensino fundamental incompleto, sem estudo; sendo verificada a escolaridade do pai e da mãe); Principal fonte de informação sobre sexualidade (familiares, amigos, escola, internet, televisão, outros); como se dá o diálogo acerca da sexualidade entre pais e filhos e o grau de satisfação dos alunos sobre este diálogo; informações/conhecimento sobre gravidez na adolescência; idade de iniciação sexual (anos); uso de contracepção na primeira relação sexual (não ou sim, qual método utilizado); denominação de atividade sexual atual (ativo, não ativo). A aplicação do questionário foi realizada no ambiente escolar destes adolescentes, mediante autorização dos diretores das escolas e dos professores que estavam ministrando aula no momento da aplicação do instrumento.

Para o adolescente participar deste estudo, foi necessário a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do pesquisado e pelo responsável deste. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, Brasil, pelo Parecer 301/2009-COPEP.

Após coletados, os dados foram tabulados de acordo com sua unidade de sentido. A análise dos dados utilizou a distribuição percentual como medida acessória, no sentido de apontar tendências de opiniões e conceitos que exprimissem majoritariamente o pensamento da clientela em questão.

Resultados e discussão

A faixa etária dos respondentes variou de 14 a 16 anos, em ambas as escolas, sendo que, 50% pertenciam ao sexo feminino e 50% ao masculino. Com relação à religião de todos os participantes envolvidos na pesquisa, 65% referiram serem católicos, 15% evangélicos, 5% protestantes e 15% não referiram nenhuma religião.

Alto nível de escolaridade dos pais foi encontrado na escola particular, onde 50%, tanto dos pais quanto das mães, possuíam ensino superior e 30% apresentavam o ensino médio completo e na escola pública, onde 40% dos pais possuíam ensino médio completo e 30% ensino superior. Nesta última, os percentuais de escolarização das mães se diferenciavam em relação ao ensino superior (20%). Em outro estudo realizado em escola pública, 50,6% dos pais e 55,1% das mães possuíam ensino básico (Silva et al., 2012).

A importância de procurar identificar o nível de escolarização dos pais se pauta na influência que este aspecto pode ter sobre a qualidade da relação dialógica entre pais e filhos, no que tange ao aspecto da educação sexual.

Observou-se que, ao serem questionados quanto à forma como se estabelece o diálogo acerca de temas relativos à sexualidade entre pais e filhos adolescentes, entre os alunos da escola privada, 80% dos pais realizam esta atividade, sendo

que destes, 70% tomam a iniciativa. Em 10% dos casos a iniciativa é referenciada como sendo do próprio adolescente e, em outros 10% das respostas, apontou-se o fato dos pais raramente conversarem com os filhos sobre sexo.

Na escola pública, 60% dos adolescentes relataram que seus pais conversam com eles sobre sexo, porém destes, apenas 20% tomam esta iniciativa. Os demais (30%) conversam raramente sobre o assunto e em 10% dos casos, isto ocorre por iniciativa do adolescente.

Quanto à abordagem do tema entre amigos, todos os participantes, tanto da escola pública como da privada, relataram que conversam sobre sexo com seus pares. Em outro estudo abordando a mesma temática, autores chegaram à conclusão de que os amigos, juntamente com os pais, consolidam-se como as principais fontes de informação sobre sexualidade (Brêtas & Silva, 2005).

O presente estudo detectou que, na escola privada, a principal fonte de informação citada pelos adolescentes, foram os amigos, seguida dos pais. Já na escola pública, foi o grupo de amigos, seguido da escola e televisão. Estes resultados também são confirmados por outros autores ao ressaltarem a importância da educação sexual fornecida principalmente no âmbito familiar, e sua influência social direta (Brêtas & Silva, 2005).

Num estudo com adolescentes de uma escola secundária pública, 90,7% deles se consideraram satisfeitos com as informações que recebem da família. Porém nesta mesma pesquisa, a principal fonte de informação dos dois sexos, foram os amigos (41,3%), seguido de livros e internet (25,7%) e finalmente os pais (22,8%) (Silva et al., 2012).

O presente estudo parece, portanto, evidenciar uma participação familiar importante na orientação dos filhos adolescentes entre os alunos da instituição particular de ensino, ao passo que tal papel é atribuído ou mesmo delegado à escola, no caso da instituição pública.

Em vários estudos os adolescentes se consideraram informados sobre o risco de gravidez na adolescência (92,1% - Silva et al., 2012; 97,9% - Ferreira & Torgal, 2011). Porém, quando questionados em relação ao conhecimento do ciclo menstrual, divergiram e apresentaram falhas (Silva et al., 2012). Além disso, os adolescentes podem até ter recebido informações sobre métodos anticoncepcionais e prática de sexo seguro, mas isso não garante o seu uso adequado (Ferreira & Torgal, 2011).

Com relação à iniciação sexual dos adolescentes abordados, verificou-se que, para metade dos alunos participantes de ambas as escolas, a experiência sexual foi relatada como tendo ocorrido na faixa etária entre 12 a 15 anos. Estes dados se assemelham com outros estudos cuja idade média de início da atividade sexual foi de 14,6 anos, sendo um pouco mais precoce entre os jovens (14,2) do que entre as mulheres (15,4) (Silva et al., 2012) e 15,5 anos (Ferreira & Torgal, 2011).

Foi possível ainda constatar ainda que, parte dos adolescentes envolvidos na pesquisa referiu não ter utilizado qualquer método de anticoncepção ou de proteção no primeiro contato sexual, o que ratifica a percepção de tratar-se de um

grupo de risco, no que concerne, tanto à aquisição de DST, quanto à ocorrência de uma gravidez indesejada. Nesse sentido, o MS vem destacando que os adolescentes têm iniciado sua vida sexual cada vez mais precocemente, fato que tem contribuído para a não utilização de proteção na primeira relação sexual, em decorrência da imaturidade etária, emocional e afetiva, características desta fase da vida (Brasil, 2000).

O presente estudo permitiu identificar ainda outros comportamentos, relativos à prática sexual. Metade (50%) dos participantes relatou já ter tido contato sexual; destes, 25% referiram manter esta prática ativa, sendo que este contato se estabelece tanto com namorados(as) como também, com parceiros não fixos. Constatou-se que a maioria dos adolescentes teve como primeiro(a) parceiro(a) sexual o(a) namorado(a) ou amigo(a). Tal fato evidencia que os jovens têm, em geral, iniciado sua atividade sexual com seus parceiros, muitas vezes constituindo-se em primeiro relacionamento afetivo, originado em seus respectivos grupos de convivência social (Gonçalves & Gigante, 2006).

Entre adolescentes de uma escola pública, cerca de 46,8% se denominavam como ativos sexualmente (Silva et al., 2012) e num estudo realizado em 5 escolas de Portugal, 35% (Ferreira & Torgal, 2011).

Cerca de 39,7% das jovens afirmaram já terem suspeitado de gravidez e 18% declararam já ter utilizado a pílula do dia seguinte (Silva et al., 2012). Em Porto, 2,2% dos adolescentes informaram a ocorrência de gravidez, sendo 80% mulheres e, destas 80% fizeram aborto (Ferreira & Torgal, 2011).

O preservativo ainda não é usado por todos os adolescentes em todas as relações sexuais. A adesão ou não ao seu uso está relacionada a vários fatores, que vão desde a possibilidade de acesso, passando pelas questões de fundo emocional (envolvimento afetivo com o parceiro), até o grau de liberdade e autonomia atingidas nesta faixa etária. Os estudos nesta área do comportamento humano têm apontado que, os jovens que usam preservativo na iniciação sexual, tendem a manter esta prática no decorrer da sua vida sexual (Martin et al., 2006). Além disso, quanto mais tarde se dá o início da atividade sexual, maior a porcentagem de adolescentes que faz o uso de contraceptivos (Ferreira & Torgal, 2011).

Entre os adolescentes que já iniciaram atividade sexual, a maioria nunca foi a uma consulta de planejamento familiar, conforme confirmam alguns estudos, cerca de 73,5% (Silva et al., 2012) e 84,7% (Ferreira & Torgal, 2011).

Além disso, os adolescentes evidenciam sentimento de invulnerabilidade e dificuldade de antecipar as reais consequências que poderão ter seus atos, por crerem que uma gravidez não planejada, ou ainda, contágio de uma DST, jamais acontecerá com eles. O acontecimento não aceito da probabilidade de danos à própria saúde aumenta com a ineficácia ou ausência de ações preventivas (Ferrari, Thompson & Melchior, 2008).

Além disso, o início da atividade sexual foi associado estatisticamente a queda de rendimento escolar, menor idade e escolaridade materna (Silva et al., 2012).

Maior escolaridade, melhores condições sociais, a convivência com ambos os pais, são aspectos considerados por alguns autores como proteção na prática sexual, podendo retardar a idade de iniciação sexual e promover o uso de proteção na primeira relação (Heilborn, Aquino, Bozon & Knauth, 2006; Teixeira, Knauth, Fachel & Leal, 2006; Castro, Abramovay & Silva, 2004).

Quando se questionou aos adolescentes sobre “o que é vida sexual” para estes, observou-se que, para a maioria das meninas a relação sexual se constitui em um ato de amor e afeto. Já para os meninos, a vida sexual foi associada à idéia do ato sexual propriamente dito, não fazendo referência a sentimentos. Assegurando estes achados acerca da temática da sexualidade na adolescência masculina, demonstrou que, para estes adolescentes, o amor e o sexo seriam experiências que correspondem a espaços distintos (Borges & Schor, 2007).

Em se tratando das adolescentes do sexo feminino, outro estudo similar ao presente, identificou que, entre as adolescentes, o amor foi o principal motivo referenciado para a iniciação sexual (Borges, 2005).

Este estudo deve ser avaliado de acordo com algumas limitações. Trata-se de um estudo descritivo, com número amostral pequeno, não sendo representativo do todo.

Conclusão

O estudo demonstrou não haverem diferenças entre adolescentes oriundos de escolas privadas e públicas, no que tange à percepção e prática da sexualidade. Desta forma, entre as constatações comuns aos dois grupos investigados, está a de que a iniciação sexual, além de ocorrer cada vez mais cedo, vem isenta da preocupação, por parte destes jovens, quanto à necessidade de utilização de métodos de prevenção para DST ou de uma gravidez indesejada.

A oportunização deste diálogo entre pais e filhos acerca dos temas relativos à sexualidade e, considerando, sobretudo, a não constatação de diferenças entre os adolescentes provenientes das duas escolas, pode inferir que tal processo de informação, por si só, não garante uma prática mais consciente e segura da sexualidade por estes adolescentes.

A forma como cada adolescente elabora seus conceitos, valores e atitudes com relação à sexualidade, parece fortemente determinada pelo gênero a que pertençam.

O desenvolvimento de ações educativas-assistenciais visando a saúde afetivo-sexual e física destes indivíduos se faz necessária, visando à prevenção de doenças, gravidez indesejada e desenvolvimento de uma sexualidade saudável nesta fase da vida.

Os autores declaram que não há nenhum conflito de interesses.

Referências

- Borges ALV, Schor N. (2005). Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*, 21:499-507.
- Borges ALV, Schor N. (2007). Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. *Cad Saúde Pública*, 23(1):137-45.
- Borges ALV. (2005). *Adolescência e vida sexual: análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do Município de São Paulo* [Tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- Borges ALV. (2007). Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Rev Esc Enferm USP*, 41(4):597-604.
- Brasil. Ministério da Saúde (BR). (2000). Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS, PN DST e Aids. Brasília (DF).
- Brasil. Ministério da Saúde (BR). (1996). Programa de saúde do adolescente: bases programáticas. Brasília (DF): Secretária Executiva.
- Brêtas JRS, Silva CV. (2005). Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. *Acta paul. Enferm*, 18(3):326-33.
- Carlini-Cotrim B, Gazal-Carvalho C, Gouveia N. (2000). Comportamento de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Rev Saúde Pública*, 34:626-45.
- Castro MG, Abramovay M, Silva LB. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasília (DF): UNESCO Brasil.
- Ferrari RAP, Thomson Z, Melchior R. (2008). Adolescência: ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família. *Interface – Comunic. Saúde Educ*, 12(25):387-400.
- Ferreira MMSRS, Torgal MCLFPR. (2011). Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. *Rev Esc Enferm USP*, 45(3):589-95.
- Ferreira MRS, Paúl C, Amado J. (2006). Sexual behaviour of high-school adolescents. In: Proceedings of the 10th International Nursing Conference; 2006, Nov. 22-25; Albacete. Albacete: Instituto de Salud Carlos III, *Unidad de Coordinación y Desarrollo de la Investigación en Enfermería*, p. 41-3.
- Gonçalves H, Gigante D. (2006). Trabalho, escolaridade e saúde reprodutiva: um estudo etno-epidemiológico com jovens mulheres pertencentes a uma coorte de nascimento. *Cad Saúde Publica*, 22(7):1459-69.
- Heilborn ML, Aquino EML, Bozon M, Knauth DR. (2006). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Garamond/Fiocruz, 536p.
- Hubner, AVC. (2000). Perfil de salud sexual y reproductiva de los y las adolescentes y jovens de América Latina y el Caribe: Revisão Bibliográfica, 1988-1998, série *Organización Panamericana De La Salud*, WHO.
- Martin LBM, Costa-Paiva LHS, Osis MJD, Souza MHm, Pinto AMN, Tadini V. (2006). Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento

- sobre DST/ AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Publica*, 22(2):315-23.
- Paiva V, Aranha F, Bastos FI. (2008). Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Rev Saúde Pública*, 42(1):54-64.
- Rissel CE, Richters J, Grulich AE, Visser RO, Smith AMA. (2003). Attitudes towards sex in a representative sample of adults. *Aust N Z J Public Health*, 27(2):118-23.
- Silva Hm, Ferreira S, Águeda S, Almeida AF, Lopes A, Pinto F. (2012). Sexualidade e risco de gravidez na adolescência: desafios de uma nova realidade pediátrica. *Acta Pediatr Port*, 43(1):8-15.
- Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. (2006). Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad Saúde Publica*, 22(7):1385-96.

UNIVERSIDADE LUSÍADA EDITORA
ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

ENSAIOS

Azevedo, Maria Eduarda
Ensinar Finanças Comunitárias no Curso de Direito - 2014

Rueff, Maria do Céu (Coordenação)
Direito da Medicina - Eventos adversos, Responsabilidade, Risco - 2013

MANUAIS

Sarmiento, Maria Manuela
Metodologia Científica, para a elaboração, escrita e apresentação de teses -
2013

Pavia, José Francisco
Monteiro, Manuel
A Política Externa nos Programas de Governo do Portugal Democrático
(1974-2013) - 2013

TESES

Campos, Ana Paula C.
Ordenamento Vocacional Susutentado - 2012

Pinheiro, Ricardo Futre
Jazz fora de horas: Jam sessions em Nova Iorque - 2012

REVISTAS

Revista de Direito
Serie II, n.º 11 (1º e 2º semestre - 2013). Lisboa

Revista de História
Serie II, n.º 9/10 (2013). Lisboa

Revista de Direito
7/8 (2013). Porto

Revista de Intervenção social
N.º 41 (1º semestre de 2013). Lisboa

Revista de Política Internacional e Segurança
Serie I, n.º 10 (2014). Lisboa

Sebenta de Arquitectura 7 - Natureza/Nature
(2014). Lisboa

ACTAS

Ollero, Rodrigo (Coordenação) (2012)
Actas 3º Encontro ESTEJO. CITAD (Universidade Lusíada)

TEXTOS JURÍDICOS

Santos, António Miranda Pinheiro dos (2013)
Código Penal (anotado) - Uma perspectiva policial

LUSÍADA DE BOLSO

Costa, Alcides Vieira
Gestão do Desporto: o Movimento Olímpico e o Gigantismo dos Jogos Olímpicos

Pinto, Ricardo Leite (2013)
A Democracia Constitucional nos E.U.A. - Inclui a Declaração de Independência e a Constituição Norte Americana

EDIÇÃO ESPECIAL

Codoñer, Angela Garcia e Oliveira, Maria Isabel Braz de (2013)
Cor da rua da Junqueira | El color de la rua da Junqueira

